
Arte e medicina

Jaime Milheiro*

Resumo

O autor percorre um longo caminho sinalizando a realidade interna de cada um que será sempre pessoalizada e que será sempre também uma componente essencial na criação artística. Considera que grande parte da Medicina se insere, intrinsecamente, no registo emocional dessa vertente artística e que não o pode dispensar. Considera que Arte e Medicina são irmãs gémeas entrecruzadas.

Palavras-chave: Funcionamento mental; Criatividade; Arte; Medicina.

Os médicos, a profissão médica, o exercício da Medicina, consideram-se habitualmente bastante mais próximos da Arte e da sua frequência do que múltiplas outras profissões universitárias. Independentemente do dinheiro disponível ou do real envolvimento que na prática cada um tiver.

Diz-se por exemplo que: Economia, Direito, Engenharia, etc. ...se situam mais longe da Arte do que a Medicina, quer no conceito quer no exercício. E que esse facto não se deverá apenas ao quantitativo de "ciên-

cia exacta" ou de "humanismo" que em cada uma delas se compromete. Haverá razões mais fundas, mais caracteriais, mais pessoais. Haverá razões de sensibilidade: tropismos antigos do sujeito que o exercício da Medicina por sua vez estimula. Diz-se até (exagerando muitíssimo, em nossa opinião, se observarmos o panorama dos nossos dias), que a profissão médica já teria sido escolhida em função desses desígnios, em quem tiver tido possibilidades de a escolher.

Vamos tentar perceber o funcionamento mental na Arte e na criação artística. E a participação desse funcionamento na conceptualização da Medicina e do seu exercício.

Para isso ... "navegar é preciso" ... entre conceitos, observações, fantasias ... dado que na "arte" nunca se podem conceber pragmatismos nem numerações conclusivas, pela própria natureza das coisas. Tal como acontece em toda a vida emocional ... a que uma parte da Medicina indubitavelmente pertence.

No trajecto iremos calcorreando esta ideia fundamental:

Todo o ser humano contém um naufrago potencial em busca de terra firme: mesmo no Rei do Petróleo e na Rainha das Abelhas essa aflição desponta. Dela brotam gritos, choros, desesperos, doenças, comportamentos, loucuras ... e também esperanças de barcos de salvação.

* Psicanalista. Presidente do Conselho Nacional de Saúde Mental. Director do Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental do Centro Hospitalar de V. N. de Gaia.

Foram estes barcos que no seu caminho geraram a Arte e a Medicina: no mesmo nascimento, no mesmo objectivo, no mesmo processo.

Arte e Medicina são irmãs gémeas. No íntimo não se dispensam uma da outra.

FUNCIONAMENTO MENTAL: REALIDADE EXTERNA ...REALIDADE INTERNA

- Cada ser humano situa-se permanentemente e vive entre duas realidades:

...A realidade externa (realidade dos objectos circundantes)

...que será a realidade do mundo exterior ao sujeito: será a realidade do mundo ordenado segundo a razão e segundo a lógica da Arquitectura, da Matemática e das Ciências objectivas tradicionais, ciências que já se conceptualizaram e se racionalizaram a partir dessa realidade. ... A realidade interna (realidade psicológica do indivíduo) ... que será a realidade própria de cada um: será a sua realidade subjectiva, pessoal, irracional, ilógica, ordenada (desordenada) segundo as representações emocionais nem sempre conscientes do sujeito.

Cada ser humano enquadra-se entre estas duas realidades. Funciona com ambas e tem-nas constantemente no pensamento. Mesmo que não dê por isso ou queira dizer que existe "uma única realidade ... a sua!", como às vezes se ouve.

- A realidade externa povoa-se, ganha forma e visualiza-se através dos órgãos dos sentidos: são eles que a recebem, que a contactam, que com ela trocam mensagens. É percebida através da excitação provinda dos "objectos externos", dos objectos reais. Esses objectos em princípio não se modificam. São imutáveis, são iguais para todos. Inscrevem-se num teor que poderíamos apelidar de construtivista: a mobilização eventual da sua leitura só poderá acontecer através da mobilização interior do sujeito que os recebe.

As chamadas ciências exactas e a suas técnicas ocupam-se desta realidade: usam regras e paradigmas formalmente dela partidos. Dela não podem sair.

- A realidade interna povoa-se das representações mentais adquiridas durante o desenvolvimento. Representações que se formataram na infância de cada um, muito variáveis de pessoa para pessoa. É uma realidade que se inicia e cresce a partir da afectividade e da troca relacional entre a criança e as figuras significativas dessa altura: que paulatinamente ganha forma e se instala no interior do sujeito. Aí se desenrola permanentemente. Caracteriza o "mundo interno", o espaço interno virtual de cada um, onde circulam essas representações que os psicanalistas apelidam de "objectos internos".

Objectos que, uma vez amadurecidos, em princípio também não se modificam.

Esta realidade interna, absolutamente individual, permanecerá estabelecida em si mesma, independente do mundo material do sujeito e do mundo dos outros. Funciona como rede de profundidade específica daquela pessoa, sendo muito dificilmente alterável. Mesmo quando pareça modificar-se, por sugestão de alguém, sê-lo-á apenas à superfície e em tempo curto.

De facto, somente o próprio consigo mesmo a poderá mover um pouco, se for capaz disso. Normalmente não é.

- Esta realidade interna participa como sensibilidade pessoal em todas as manifestações expressivas dos seres humanos. Participará portanto na Arte. E participará necessariamente, quase por definição, em grande parte do exercício médico: nele se incluirá, de forma óbvia e natural, a não ser que o agente, apenas preocupado com técnicas e tecnologias, deliberadamente estreite o seu campo de acção e a exclua.

A relação médico-doente normal inclui-a pacificamente, porque, além da ciência nela envolvida, essa relação será sempre um "jogo" entre as realidades internas de duas pessoas conjugadas para um único fim. Mesmo que haja pouca consciência disso,

haverá sempre duas sensibilidades participantes em uso e troca no acto médico, por necessidade e por função. Para além da armadura eventualmente existente.

- Por outro lado, esta realidade existe pouco ou nada nas chamadas ciências exactas, donde por norma é liminarmente desparasitada. A sua inclusão só atrapalharia a matemática dos neurónios e dos computadores. Acentuemos desde já que a Arte não é uma ciência: nenhuma Arte é uma ciência ...e que a Medicina mais comum terá uma componente de ciência e uma componente de Arte, como é de conhecimento corrente. Acrescentando nós, no entanto, que essa componente de Arte não será apenas uma estudada ou agradável forma de estar com o doente. Será uma condição intrínseca, originária, suportada numa espécie de tronco comum, como pretendemos demonstrar.

ARMADURA CARACTERIAL: REPETIÇÃO

- Na confrontação entre estas duas realidades: na sua concordância, discordância, ressonância, discrepância ...na banda larga ou estreita da sua interface, muito da textura mental e emocional de cada ser humano se movimenta e se organiza. E muito se

condiciona a "expressão" pessoal do sujeito, realizada ou a realizar: na Vida, na Saúde, na Doença ...na sua formulação em geral e na forma como gere ou despacha um borbulhar que do seu mundo interior sempre emerge e tenta fluir.

De facto, na confluência entre as duas, cada pessoa fixa uma espécie de armadura: fixa uma carapaça utilitária, defensiva, definidora de si ...onde constantemente bate à porta a sua dotação interior de sonho, de reparação e de criatividade, em busca de objectivação. Onde a constante dinamização do mundo interno se esbarra, se projecta, se imobiliza ...sendo o resultado final dependente da versatilidade dessa armadura e do que ela impuser ou dispuser.

Todas as emoções perpassam, frequentam, jogam, atravessam, essa zona nuclear. Fazem-no intemporalmente. Nela se entrecruzam todas as expressões artísticas e todas as racionalizações, eventualmente em conflito umas com as outras, tentando cada uma estabelecer a sua directiva dominante. Nela se agem e se interagem múltiplos sentimentos e possibilidades: nela se abafam ou se permitem. E nela acaba por se arquitectar a estrutura essencial do sujeito que, uma vez edificada, se fixa como o seu formato pessoal, como o seu desenho mental característico.

- Em função disso, cada pessoa repete-se constantemente: repete-se na vida, na relação, na profissão, na sensibilidade, na Arte. As determinantes das duas realidades, o arranjo das suas interfaces, o carácter inicialmente exclusiva duma e doutra, o nó de compromisso entre as duas, a forma como naquela personalidade o desenho se concretizou ... a isso obrigam sem perdão.

Na prática, isso propicia uma espécie de "vocação" ou de "limitação". Origina uma orientação pessoal para isto ou para aquilo, uma tendência, um gosto, um desgosto, uma sensibilidade, uma possibilidade expressiva, uma característica emocional. E toda a gente tem consciência disso: tem consciência da repetição, da fixidez, da organização estabelecida, da motivação pessoal, da escolha preferencial, da textura de base, da sobre-determinação de tudo o que se passa dentro de si. Tem-na na medida em que, por exemplo, sabe que não escolhe racionalmente os seus sentimentos, os seus amores, as suas reacções afectivas, os seus medos, os seus objectos, os seus objectivos...

Toda a gente sente e sabe que essas emoções e sentimentos fazem parte de si, que vêm de longe, que são sensivelmente indestrutíveis, que conferem modelo ao seu agir, que fomentam o seu pensar, que constituem uma sua inabalável propensão. Mesmo

quando racionalmente isso não é bem aceite ou até se procura esconder, a si e aos outros, assim acontece.

A educação, a vertente social, serão apenas um arranjo condutor, colocado do lado de fora.

- Toda a gente saudável reconhece também que essa repetição contém os elementos identificatórios da sua própria história. Cada pessoa sabe e sente que chegou ao estado de adulto com a solidez ou com a fragilidade obtida ao longo do seu trajecto. Sabe que não deita fora os andaimes percorridos, que os vive na sua identidade, qualquer que ela seja. Sabe que se move nos seus caminhos e descaminhos, que circula nos seus conteúdos, que os repete. E sabe também que apenas um pouco os pode melhorar, piorar ou adaptar, segundo as condições do meio. Sabe sobretudo que, tendencialmente, se moverá nesse seu contexto interno, por mais vincadas que sejam as intenções e promessas de mudança que anuncie. Embora por norma tudo isso também se negue.
- Sendo assim, poderá dizer-se que, como qualquer outra pessoa, o artista se repete constantemente, mesmo o mais inovador. O artista descobre um novo patamar mas repete-o depois, tal como cada um de nós se repete na atitude e na função. O que não

estará longe da verdade: um Picasso, um Van Gogh, um Pollock, distinguem-se num relance a cem metros de distância, porque contêm, extremamente visível, o repetitivo genial de quem os fez. Têm a sua "marca". Todos faremos de facto sempre o mesmo, sensivelmente o mesmo, porque, como dizíamos, os objectos internos são bastante "reais" e "fixados". Embora pessoais, não são imaginários. São "reais" por dentro ...na realidade interna e no assento íntimo que deles temos. Por exemplo, as representações que conservamos dos pais (ou seja, os objectos internos a partir deles edificados), são quase sempre muito diferentes da realidade objectiva que eles efectivamente foram e também muito diferentes das que os outros, mesmo os irmãos, deles colheram. As representações de cada um funcionam como a sua verdade real, como a sua perdurável inscrição. Porque se gosta, porque se detesta, porque se houve na história, porque se sentiu, porque se defendeu, porque se "viveu" ...assim se formataram especificamente na sua realidade interna. São reais, existem daquela maneira.

Isto indicia-nos também, desde já, que a imagem que cada artista tem do seu produto será absolutamente pessoal e intransmissível.

E que o mesmo se passará na leitura que o receptor dele faz.

- Se puxarmos esse facto para a Medicina, também a imagem que cada médico "tem" do seu doente funciona nesse mesmo registo: é muito pessoal. Mesmo o efeito presumível do medicamento é variável na cabeça do médico, para já não falar da sua imensa variabilidade na cabeça do doente. Em todos: médicos e doentes ...haverá um desenho mental pessoalizado e sensível, que vai ser utilizado na terapêutica e na relação. Em todos assim será, insensivelmente ...salvo nos médicos de computador ou nos médicos subjugados à pobre teoria da "evidência", que pretende reduzir à fita métrica facetas humanas absolutamente não mensuráveis. Não há "normalização" nem "codificação" possível na área do mundo interno, nem nestes aspectos que dele decorrem, médicos ou não. Nem seria desejável, se pensarmos bem. Normalização e codificação são conceitos doutras áreas, apenas aplicáveis na realidade externa e nos seus derivados.

LIBERDADE ... SONHO

- Algumas interrogações se terão no entanto de colocar, a propósito da repetição: Onde estará então a suposta liberdade individual do artista e a dos cidadãos em geral? Que será feito da criatividade e da possibilidade de descobrir? ...Ou, dizendo melhor, onde começará a capacidade de exercício do novo e do mobilizador, sabendo-se que o artista, provavelmente como a maioria das pessoas, afirma sentir dentro de si esses sentimentos? Existirá de facto essa liberdade? Estará escondida na repetição? ... Ou será apenas uma ilusão de pensadores bem dispostos? E na Medicina, como será?
- Cada adulto transporta de facto a carapaça que referimos. Reveste-se duma estrutura de personalidade sensivelmente fixada, mas transporta também, na mesma sacola, um sentimento vital de construção e de reconstrução, também directamente provindo do seu mundo interno. Transporta, como intrínseca necessidade, um estranho sentimento reparador de si, eventualmente reparador dos outros ...como acontecerá nos médicos, em princípio. Não sei se já se aperceberam, mas os seres humanos estão de facto sempre a mexer, a reparar, a consertar alguma coisa. Mesmo sentados e a pensar. Estão sempre a tentar melhorar, a resolver alguma coisa, dentro ou fora de si. Todos se reconhecem num projecto de empresa e de melhoria, todos vivem essa perspectiva resguardada como "intrínseca capacidade de si". Trata-se duma dinamização originária, duma capacidade essen-

cial, inserida num constante caldeamento projectivo que, em nome do sofrimento, da sobrevivência e das angústias, se confronta e procura agir sobre a realidade. Será um movimento vital que procura recuperar do prejuízo e agir sobre a realidade do próprio e dos outros: sobre a vida e sobre a morte.

Cada pessoa encontra-se municiada desse sistema, de disparo automático, activado contra uma insatisfação sempre presente ou potencial. Eternamente se encontra em busca ... obtendo resoluções harmónicas ou desarmónicas. Busca que se agita mexendo, remexendo, mobilizando, compondo, criando, inventando, projectando ... pelo menos no desejo e no sonho ... conforme a armadura o permitir e conforme o mundo envolvente o condicionar.

Nesse movimento de aflição, haverá o desempenho possível, susceptível de novas frustrações e conflitos. Haverá batalhas ganhas e batalhas perdidas, alegrias e tristezas, enfeites e aplausos, mais ou menos acompanhados de sentimentos de liberdade. Sentimentos que existem e aparecem despertos num longínquo recanto. Que mesmo frágeis e fugidios, passeiam pelo íntimo de toda a gente ...excepto em quem já nasceu morto ou em quem, assumindo forma totalmente passiva, dentro de si os esconjura cuidadosamente.

- De facto, por detrás da fortaleza, existem constantes sonhos e fantasias espreitando saídas de ocasião. Existem "loucuras" espreitando licenças de ensaio. Os sonhos, os planaltos, as idealizações, as utopias, os processos imaginários, quaisquer que sejam as formas que assumam ... assim como a vida afectiva, a criatividade, os sentimentos de verdade, os sentimentos de Justiça ... todos cantarolam dia e noite nessa zona do ser humano. Todos provêm do seu espaço interno, que por sua vez alimenta e se alimenta nessas paragens. Só o facto disso poder ser pensado e de poder ser sentido como falta, na história da humanidade e na história de cada um, já lhes sinaliza a existência.

Mas a sua dimensão varia: da perfeição das aulas e das escolas. Dificilmente um missionário bem intencionado ensinará Arte em geral ou Arte na Medicina, mesmo a obedientes catecúmenos: poderá lembrar a sua existência, exemplificar, salientar a sua importância, mas não a pode "criar"...será necessário que o aluno já a transporte na maleta.

É que a realidade externa influencia, fornece conteúdos, faz reagir, mobiliza um pouco, mas não determina estruturalmente o interior do agente nem o cria. Terá até mais capacidades para destruir do que para construir.

- Estas possibilidades "oníricas" es-

truturais, cumpridas ou não, constituem "vírus" incomodamente resistentes aos antibióticos e aos psicofármacos da realidade comum. Aos de agora e aos do futuro.

São elementos supranumerários da escala de Mendeleief, que não se enxergam quimicamente, mas tudo contaminam. Infiltram-se em todas as relações da vida do sujeito: afectos, juízos, desejos, fantasias ...e, obviamente, participam nas criações, no médico, no exercício, na Medicina. Serão até as componentes fundamentais da sua identidade em exercício.

- Devemos acrescentar, entristecidos, que esses "virus" são irrecuperáveis.

Mas que, valha-nos ao menos isso, são também indispensáveis à simpática espécie animal a que pertencemos. Serão até dela exclusivos, segundo inteligentemente supomos. E subsolam mesmo, no fundo, a sua alegria de viver. Só através deles os *Sapiens* se vivem, se sentem, se saboreiam ...nas relações consigo mesmo, na relação com os outros, qualquer que elas sejam. Na cota individual de cada um: amor, ódio, agressividade, inveja, raiva, sexualidade ...tudo lá vai refinar.

- Todos os produtos da relação e da confrontação com o exterior serão, portanto, simultaneamen-

te filtrados pela armadura e intoxicados pelo vírus: não há nada a fazer. Com eles e por eles se alicerçam todas as sensibilidades, todos os códigos, todas as regras: pessoais, colectivas, culturais, universais, etc. Será impossível supor, em princípio, que qualquer manifestação humana dotada de emoção, lhe consiga escapar: por exemplo a Arte e a Medicina.

Fantasias, sonhos, imaginários, desejos ...serão esquisitos planetas, determinados e "intoxicados" no universo de cada um. Cada pessoa eternamente os embala, em soluções de compromisso, na sua quantidade viável. A margem de liberdade redimensiona-os automaticamente e avalia-os. Com esforço ou sem ele. Às vezes embrulhando-os em turbilhões e tempestades.

CURIOSIDADE

...INVESTIGACIONALIDADE

...CRIATIVIDADE

- Na passada do desenvolvimento pessoal, na dinamização permanente entre as fronteiras da realidade interna e da realidade externa, um outro sentimento se instala: uma curiosidade, uma estranha curiosidade ...que igualmente se pereniza no constructo mental. Que fará também eternamente parte de si, com um nem sempre virtuoso motor!

Trata-se dum fenómeno intenso, correlativo do sentimento de liberdade entretecido dentro da armadura. Será um livre interesse sobre o mistério do "outro": um foco constante, voltado para a realidade do mundo e para a realidade do parceiro. Incide sobre o desconhecido tornado fonte. Misto de sonho e de canoaagem, é um movimento apelativo, uma tentativa de livre reparação do sofrimento, antes que ele definitivamente nos entorpeça. É uma atracção de contornos esteticamente cuidados, porque a curiosidade transforma-se em gosto de viver.

Na sua base é um gosto natural e bonito! Sem curiosidade nunca haveria estes humanos navegadores, eternamente dispostos a pesquisar, a criar, a "reparar-tratar", a descobrir coisas lindas, a criticar coisas feias. Supondo-se até, muitas vezes, mais capazes e mais livres, para o efeito, do que as potencialidades e os objectivos justos que lhe foram conferidos: donde o seu eventual mau uso.

Por curiosidade entender-se-á uma propulsão, com um esmerado objectivo: conhecer o exterior e tentar solucionar algo inquietante (do próprio) no interior e no exterior. Algo inesgotável, como princípio de vida.

- Curiosidade será portanto uma intrínseca solução: associa o sofrimento estrutural à reparação

dele mesmo...supõe uma iniciativa, uma tentativa de lavagem de tudo isso.

Nem podia deixar de ser, porque se os seres humanos vivessem plenamente satisfeitos (hipótese absurda desde que foram expulsos do "Paraíso") curiosos não seriam. Não haveria nada para resolver nem curiosidade para adiantar. Não haveria insatisfação, nem curiosidade, nem sonho, nem criatividade. É dessa textura "curiosa" que brota a Arte: é dessa insatisfação que brota a Doença: é dessa tentativa de cura que brota a Medicina. Se os seres humanos tivessem a "felicidade" em si mesmos não existiriam nem Arte nem Medicina. Ambas têm essa origem comum e avançam no mesmo fim.

Numa argumentação ao contrário, salientemos que, de facto, ninguém imagina médicos nem pintores no "Paraíso": nesse local todos repousarão numa inatacável plenitude, confortavelmente distendidos e disso dispensados. Estarão pacíficos e conformados, na contemplação do presente conhecido. Não haverá nada para criar, nem sofrimento para tratar. Não haverá curiosidade: ninguém se interessará pelo passado nem pelo futuro, não vá o Diabo tecê-las e as angústias ressurgirem. Mesmo a música não será mais do que um ronronar de fundo, muito diferente duma deselegante

criação de *Jazz* que só poderia remexer e alarmar.

Ninguém poderá conceber médicos e artistas nessas paragens: não fariam qualquer sentido.

- Entre nós, no entanto, isso é humanamente irrecorrível. Sinaliza uma função indispensável no viver e uma procura necessária na arte de sobreviver. A curiosidade não será portanto uma consequência da criatividade: é uma causa. Sinaliza a diferença entre a realidade interna e a realidade externa, faz parte do movimento de entre as duas se derimirem fronteiras. Se as realidades externa e interna se confundissem não existiria curiosidade: nem haveria ocasião para isso. Também não existiria o banal conceito de inteligência, que só dela igualmente decorre. Sem essas fronteiras devidamente distinguidas e emolduradas, os seres humanos seriam apenas alimentícios. Seriam talvez uns interessantes vegetais, embora uma parte deles certamente não gostasse.
- A curiosidade só se transforma em criatividade, artística ou não, quando dentro do próprio assume um projecto reparador: do estado potencial toma caminho. Quando assume um "tratamento" sobre o outro ou sobre o sujeito. Quando projecta uma reparação / reconstrução do sofrimento, obrigatoriamente impregnada

de sentido estético como veremos. Quando gosto-samente se transforma em investigação e continua nessa via, mobilizando um processo expressivo. E fá-lo sempre, por definição.

Qualquer acto médico, em princípio, será obrigado a supô-la!

- Curiosidade ...investigacionalidade ...criatividade ...deambulam por "dentro" nesta ordem, espreguiçando-se no interior de todos nós. Às vezes fazendo interessantes traquinices. Serão os cartazes íntimos da procura de si, em cada um: serão o incentivo continuado da procura dos outros, das suas realidades, dos seus mistérios. Gizam satisfação de sentido positivo, gizam alívio do não satisfeito. Serão o emblema estrutural do sujeito, em múltiplas actividades: no conhecimento em geral, na arte, na busca, no tratamento, na reparação seja do que for. E nelas assentarão todas as terapêuticas humanas, porque só na sua passada será possível arquitectar umas vagas possibilidades de sobrevivência na cabeça de quem o faz. Nas artes, este processo operativo torna-se extremamente visível, mais do que em tudo o resto, porque todas elas, em princípio, sob os pontos de vista científico e racional, são absolutamente inúteis. Podemos até interrogar-nos: porque se farão "artes", porquê tanta preocupação

ção quanto isso, se elas são inúteis? Se apenas servem para justificar os sentimentos estéticos dalguns ... dirão até muitos cidadãos quimicamente puros?

Mas se na realidade externa elas "podem" ser consideradas dessa forma, interiormente elas não são só isso, de modo nenhum. Muito para além do eventual mercado, o processo psicológico da arte fundamenta-se numa necessidade íntima de toda a gente, mesmo na do "ignorante" que nem o seu nome conhece. Pela constância do sonho, pela curiosidade e criatividade que sustenta, pela proposta de sobrevivência que avaliza ...a Arte compõe a mais bonita sinfonia contra a morte e contra o sofrimento que até agora o ser humano descobriu. Ou architectou. E todos a procuram mesmo quando estão deprimidos e batem o pé dizendo que não. Desde o Jurássico!

Justifica o melhor que temos e somos ...pouca coisa, dirão os interessados na terapêutica exclusiva das cápsulas e comprimidos!

- Mas, convirá salientar, há uma diferença fundamental entre a criatividade entendida como capacidade de "ver doutra forma" e a criatividade de arranjar prolongamentos de visão sobre o já visto.
A possibilidade de ver doutra forma parte originariamente da realidade interna ...será a Arte

propriamente dita.

A possibilidade de alongar a visão sobre o já visto define sobretudo a ciência. Baseia a sua pesquisa: parte da realidade externa, será o seu prolongamento paradigmático ou tecnológico. Na Medicina, esta segunda vertente contem várias potencialidades: será fotografia, radiografia, microscópio, computador, telescópio ...será a "criação" de aparelhos para ver melhor o que já conhecemos.

A primeira possibilidade pretenderá "inventar". Pretenderá ser a forma de expor o que o autor tem dentro de si e nos quer mostrar. Será uma "reinvenção" do que já existe feita por ele. Será pintura, escultura, pensamento, literatura, poesia, cinema ...actividades que supõem imprevisto e intuição.

A segunda desenvolverá o conhecimento científico, afunilando a exactidão tecnicamente necessária. Escapa-lhe a fantasia do vírus contaminante.

FANTASIAS

- Fantasias são o pensamento das coisas com elas retiradas: com elas tornadas ausentes ou com elas ainda não chegadas. Organizam-se na realidade interna e nas suas necessidades. Supõem desejos, perspectivas, sonhos, reparações, pensamentos...São divertidas recriações da função

de existir, coloridas na intimidade de cada um, soltas na zona livre da curiosidade, expressas na alegria de viver. São recomposições enxertadas da insatisfação. São também elementos indispensáveis à fluidez mental do sujeito: na sua necessidade de harmonia interna ele utiliza, de forma privilegiada, um manancial profundo de fantasias que todos contêm (mesmo os empedernidos que aparentemente as perderam).

Por isso, tudo o que se pode fantasiar ou imaginar é "verdade", no desejo. Será a verdade naquela pessoa, a verdade da sua realidade interna: mesmo que não obedeça às leis do "bom senso" nem às leis da "razão". Embora, obviamente, possa ser uma verdade não aplicável a mais ninguém, nem agora nem no futuro. Mesmo assim será útil para o próprio, mesmo quando não derramável para a realidade dos outros. Pode ser apenas uma verdade encantatória do próprio, da família, da rua, do bairro, da cidade ...não sobreponível à de mais ninguém.

Ou, nos casos complicados, pode ser até um delírio.

- No artista, a fantasia será sempre a sua verdade concretizada num produto. Para si será sempre uma verdade que funciona como tal, haja adesão ou não do receptor. Funciona no seu recanto íntimo de arte e de liberdade,

havendo consciência de que se trata duma fantasia. Mas ele também sabe que sem fantasia nunca haverá um verdadeiro espaço psicológico pessoal, nem um produto artístico. Nem nele nem na vizinhança.

E no médico, como será? Não haverá fantasia?

Será de boa nota lembrar, desde já, que as queixas do doente são sempre a sua verdade. São sempre a sua verdade pessoal do momento, muitas vezes são a sua fantasia. São idênticas à obra para o seu autor, mesmo quando ao médico parecem inconsequências ou disparates. O que nos obrigará a reflectir: se as queixas são uma criação pessoal, a terapêutica não terá também de o ser ...ainda que um tanto obliquamente?

Mas os artistas "são loucos" e os médicos não podem ser ...ensina-se nas aulas de pragmática. E nas de robotização. Como se fosse disso que se tratasse, quando se fala destas humanas "miudezas".

- As fantasias são necessárias ao comum dos mortais, estejam ou não doentes, porque os arranjos através delas conseguidos, idealizados ou desvalorizados, reparam (tratam) a sua auto-estima. Repararam as perdas, anulam as derrotas. São terapêuticas económicas, sem receita e sem farmácia, arranjadas sem lista de espera. Repararam abalos e riscos,

melhoram sofrimentos e dores, compensam temores supostos, recuperam desequilíbrios e angústias.

São indispensáveis em todos os cenários: na doença e na saúde. Profissionalmente ...serão até mais necessárias no médico do que noutro qualquer, porque ele lida com a morte e com a inabalável angústia que dela por norma crepita. O médico lida efectivamente com frustrações piores do que outra prática qualquer. Não pode negar a morte, não lhe pode fugir, tem de gerir-se na sensibilidade afim, sem se deixar perturbar. Terá de fantasiar encima, mesmo não dando por isso. E de o fazer cronicamente! E terá também de o fazer "artisticamente", ou seja, terá de "reconstruir-se" sobre o mal estar derivado, num processo terapêutico para si próprio e para o doente. Mesmo que o faça mal e apenas de forma defensiva. Sob pena de não continuar. Sob pena de ter de fugir!

- O médico terá de se resolver para poder trabalhar. De se resolver sobretudo por dentro. Por fora, a armadura profissional está muitíssimo bem lubrificada. Ele conhece a técnica, a ciência, com elas se protege. Mas terá de humanamente buscar, no seu mundo interno, uma compatível possibilidade de estar na situação. Terá de "criar" microclimas dentro de si em proporções uti-

lizáveis, terá de se prover internamente desses recursos. Terá de se disponibilizar sem esforço, de se encaminhar, neste sentido que lhe vimos a figurar.

Terá de colocar, numa dinamização saudável, a expressão conjunta dos seus impulsos e das suas necessidades. E terá de os associar aos mecanismos técnicos da profissão. Ao mesmo tempo terá de reconhecer que as fantasias, as dele e as da oficina, não são infinitas: são limitadas pela sua própria construção como pessoa, pelo modesto quantitativo reparador de que é capaz, pela responsabilidade que a prática exige ...e que, lamentavelmente ainda por cima, tudo isso nunca será fácil nem glorioso. E de saber ainda que nas fronteiras poderá haver desmaios e que ele próprio se poderá deprimir: o que poderá ser um aspecto positivo, diga-se de passagem, da sua artística sensibilidade.

Só uma realidade internamente composta o poderá situar dessa forma. Nenhum posicionamento meramente técnico trará cumplicidade e reciprocidade à realidade do doente que o procura. Troca, partilha, toque emocional, ressonância, relação, são facetas inerentes à capacidade de "fazer" arte e são indispensáveis neste continente. Dependem muito mais desse interior sofrido e ajustado do médico, do que das máquinas caríssimas em exercício. Dependerão disso so-

bretudo, que será também muito diferente da encenada atitude de "bondosa" ou "misericordiosa", que durante milénios se tentou adoptar ou fazer crer (certamente por erro de leitura, não de intenção: hoje conhecemos isto muito melhor).

- É por isso que uma fotografia, um microscópio, uma radiografia, uma televisão computadorizada, se partilham facilmente: não são mais do que uma realidade externa em exposição. Aprendem-se facilmente, pertencem a todos, não são de ninguém ...enquanto na arte de fazer medicina essa partilha dificilmente acontece ou dificilmente se aprende, se não houver escritos prévios anteriores na realidade interna do praticante. Se não houver um suporte estrutural, que depois se cultiva fazendo. Nas ciências matemáticas e racionais, tal como em todas as técnicas, estas componentes dispensam-se. Até se detestam.
- Pelo mesmo princípio, também historicamente se detestaram as Artes quando elas deixaram de ser naturalistas. Quando o prato das maçãs de Cézanne passou a ser muito mais do que um prato de maçãs, uma profunda inquietação (revolução) se instaurou nos regimentos artísticos bem formados. Nele o ser humano se inovou. Passou a representar-se como o

autor sentia: a representar-se a partir da sua realidade interna, não visualizando apenas Orientes de fora. Ansiedades enormes se geraram nestes caminhos, porque da inovação emergiu um tipo de leitura que até então se encontrava virtuosamente encoberto. Emergiu autonomia e consciência de si. O artista passou a dizer-nos: "o que vejo depende de mim, em situação: toca-me, sofro, crio, revelo ...a partir de mim". E no observador passaram a sobressair os mesmos contrapontos: que sempre existiram mas que havia medo de lhe atribuir.

Abriu-se desse modo a dimensão subjectiva da Arte. Humanizou-se a Arte, que até então só tratava dos deuses do céu ou da terra, reproduzidos nas suas glórias e façanhas. A Arte passou mais directamente a cuidar e a cuidar-se de nós, como a Medicina afinal.

- Arte será a capacidade de recriar o que já estava criado. Ou será simplesmente "criar": será recriar as Montanhas Rochosas do Colorado sem nunca lá ter ido, será criar as Montanhas Rochosas na planície alentejana, plantando-as onde elas não existem. Será uma fantasia e uma emoção: humana, curiosa, criativa e reparadora. O mais importante será muitas vezes contra livros e contra si próprios? Muitos, certamente.

- Enquanto toda a medicina tecnológica clama pelo retrato, esta inquietação (humanização) clama por algo mais sensível. Algo que se poderá realizar apenas parcelarmente, ainda como na Arte. Algo que se cruza nas realidades externa e interna do doente, que recusa unicidade e exclusividade, que se situa na fantasia pessoal, no desejo, no sonho. Que antevê uma outra possível operacionalidade, jamais completamente satisfeita. É por isso que, em nossa opinião, clamar fronteiras científicas e tecnológicas totalitárias para a Medicina, equivale a clamar modelos de Economia, Engenharia, Direito, para terrenos não afins. Não passará duma justificação racionalista para quem estiver desfocado ...ou, pior ainda, para quem não tiver condições internas para doutra forma proceder.
- Por isso ainda, é comum encontrar médicos nas salas de arte, fazendo ou colhendo leituras, despertos nesses interesses e climas. Mais atraídos nesse chamamento do que outra profissão qualquer. Estarão mais disponíveis na sensibilidade, porque dentro de si se passa aquele mesmo processo que estarão a revisitar. Mesmo que (saudavelmente) nem nisso pensem. Muitas vezes até praticam. Fazem Arte propriamente dita. Na continuidade da relação médico-

-doente pintam, musicam, escrevem, encenam ... Porque em muitos deles a arte inunda a sua realidade interna e continua-se desse modo, sendo uma inerência participativa da sua função de observar os outros e a si. Não será uma consequência, será uma causa. Não será apenas um compensador cultural de horas profissionais penalizadas: acrescenta-as, prolonga-as. Cumplicia essas horas em alegrias. Será o pensável empático dentro do outro, será a curiosidade terapêutica derramada na pacífica baixa-mar: no concerto ou da exposição. Na leitura da criação artística de si ou do outro.

Será uma necessidade e um projecto, muitas vezes inconsciente ou pouco consciente. Será um gosto e uma continuidade sobre a doença, esteticamente repetido, na sua magia e no seu processo.

Escritores, pintores, pensadores: tal como os respectivos receptores da escrita, da pintura, do pensamento ... são arte em movimento, numa reconstrução partilhada. A Medicina será disso uma faceta no seu jeito primordial: será uma necessidade e um movimento, idêntico ao do artista propriamente dito funcionando.

- Por isso, também, a satisfação do médico nunca será apenas a do êxito alcançado: nunca será apenas a "vitória" sobre a doença,

nem a respectiva recompensa social, mais ou menos provida de afecto.

Já todos repararam com certeza: a satisfação do médico é bastante interior ...contem uma espécie de paradoxo, uma estranha sensação reparadora de si mesmo. O médico tratou-se tratando, tal como o artista tinha feito: utilizou livros e receitas, mas utilizou-se também para si, gostando de si na função que realizou. Registou um envolvimento primordial. E pensa nisso à noite, parado nos semáforos, a caminho de casa. Às vezes pensa mesmo a dormir, resolvendo casos no sonho. Aliás, quando assim não for, quando houver só técnica, dinheiro ou glória de jornal, poderá conseguir elogios mas falta-lhe esse fascínio: falta-lhe o encontro consigo próprio obtido através do doente.

A satisfação também não reside num sacerdócio, como há séculos se preconizava: será o prazer duma identificação recíproca, quase independente do resultado. E também não será uma mobilização assente numa culpabilidade estrutural, como às vezes também, nesses mesmos séculos, se pretendia concluir.

O acto terapêutico é uma confortável alegria, esteticamente ressentida nos dois. Será um entendimento mesmo quando palavras não há, mesmo quando solução clínica não se vê.

- Aliás, só isso justificará a estranha ligação do doente ao médico: a ligação irracional, espantosamente desproporcionada, que muitas vezes existe, mesmo quando o doente se afunda sem esperança nem remédio.

Há um tropismo enigmático nesta relação, muitíssimo mais intenso do que noutra ligação qualquer, ainda por cima alongado numa persistência fora do comum. Tropismo que não assenta apenas em endeusamentos de vida ou de morte, em poderes utópicos atribuídos, em loucuras idealizadas. É algo mais profundo. Algo próximo da avassaladora admiração ressentida sobre um objecto de Arte, mesmo quando as possibilidades se esgotaram e disso todos estejam conscientes.

- Pessoalmente, sempre nos espantaram as enormes admirações de pessoas de quem já nem nos recordamos: num exercício médico onde as radicalidades vitais nem sequer estão muito presentes. Será a tal arte da Medicina, dada e recebida no ponto nuclear, deslocada e atribuída ao agente.

São admirações diferentes do culto do herói ou do ídolo. São doutro cariz, podendo transformar-se em ilusões de risco se o médico narcisicamente as confundir e a elas se der.

Neste ponto deveremos consciencializar que, pela natureza

das coisas, se admira mais a arte do que o autor: admiramos muito mais o quadro, o escrito, o filme, que verdadeiramente nos impressionaram ...do que o autor que nem sequer conhecemos. Num exemplo pessoal, admiramos muito mais: "Le desert rouge" ou "Eyes wide shut" do que Henri Matisse ou Stanley Kubrick seus autores. Nem os conhecemos, já morreram: se calhar até seriam umas pouco suportáveis criaturas.

As admirações são deslocamentos do mundo interno do paciente, são ilusões: são afectos sobre o quantitativo de arte envolvida, não sobre o médico-autor.

SOBREVIVÊNCIA ...INSATISFAÇÃO

- Mas tudo isso acontece porque, através da Arte e da Medicina, o ser humano supõe remodelar, de forma criativa, os seus objectos internos insatisfatoriamente fixados. E porque através delas fantasiará sobreviver, nesse movimento. Deseja fazê-lo e sabe, intuitivamente, que a sobrevivência só poderá desenrolar-se através de fantasias e de emoções, não através de factos. Ninguém de facto sobrevive. Só no encontro estético reparará objectos e realidades falhadas, só através dele terá ilusão de continuidade. Só ele reparará sentimentos danosos, retirando um pouco de escuridão.

O toque, agudo ou insidioso, na fruição do objecto artístico é esse encontro: um encontro interno, independente dos outros horizontes eventualmente implicados. Que poderá até conter um grãozinho de loucura, sem prejuízo.

- No exercício da Medicina, esses objectos reparadores e ao mesmo tempo reparados são pessoas, onde, para além da presença técnica, a qualidade estética será uma arma que subentende e avaliza o desejo.

Os psicanalistas costumam dizer que as primeiras reacções estéticas do bebé dizem respeito ao rosto humano: ao rosto da mãe ...tal como emocionalmente a criança o deparou. Tal como dele construiu o respectivo objecto interno. Quando os seres humanos falam e admiram o rosto da mãe, não se referem às fotografias que o reproduzam: referem-se à beleza ressentida nesse objecto protector de que conservam memória inconsciente. E ninguém se situará com mais necessidade de reencontrar esse rosto, de retomar a sua protecção, de reviver a sua estética irradiada, do que o doente em sofrimento.

É isso que o doente em nós procura: o rosto da mãe que o proteja, o rosto mais "bonito" que sempre tiveram, o rosto encantatório da mãe, esteticamente reparador.

Daí a sua estranha ligação ao

médico, as suas copiosas fixações e admirações, quando o encontro tiver acontecido. O médico será o "rosto estético" que o aliviou e tratou, segundo o modelo maternal fixado dentro de si, desde a sua infância.

- *Arte será a tentativa de encontrar esse rosto, reconstruindo-o.*
- *Medicina será a tentativa de o retomar, partilhando-o.*
- *Ciência será a tentativa de o ladear, esquecendo-o.*

- Arte e Medicina são irmãs gémeas: no íntimo não se dispensam uma da outra. Tocam-se no inconsciente emocional de cada um.

Por isso a verdadeira Arte não será nunca uma reprodução do real. Do real estagnado. Será sempre a humanização criativa que a Medicina em si mesma também realiza. Será difícil imaginar, diga-se de passagem, esse desígnio na Economia dos negócios, na Engenharia do betão, no Direito dos códigos. Devem retirar-se daí algumas consequências opinativas.

Nessa linha, a prática da Arte será sempre uma certa maneira ilógica de funcionar. E a Medicina sê-lo-á também, até certo ponto: será uma função com alguma irracionalidade, com alguma incompletude vivencial, com alguma disfuncionalidade "compatível" ...relativamente ao livro estudado. Enquanto houver sensibilidade.

Ambas serão a curiosidade e a investigacionalidade num movimento potencialmente criativo: ao mesmo tempo serão a expressão mais justa que humanidade até agora conheceu, desde as mais antigas contemplanções.

- Por isso também a Arte moderna retorna ao primitivo originário, no seu movimento perdido. E não é coisa de loucos. Centra-se mais na realidade interna e no mundo emocional do sujeito, do que na condição exterior. Suaviza, até certo ponto, o fenomenal avanço tecnológico que vai acontecendo.

No futuro nem haverá, pensamos nós, a banal estética de superfície que rondou a história interessada no consolo dos aflitos. Além de aperfeiçoar as estéticas reparadoras de base, esse futuro apelará a todas as emoções, incluindo as emoções negativas (agressividades, raiva, contundências) na cor e no conteúdo da Arte. O conflito aparecerá na criação artística em todos os tons, porque essa arte traduzirá um projecto reparador de quem a faz e de quem a recebe, desinteressada do consolo íntimo de quem a vê. Sempre deve ter sido assim, mas nós não sabíamos ou não tínhamos palavras para teorizar.

A agressividade eventualmente contida no objecto estético pode de facto ser benéfica para os outros, não só para quem o fez. E

nunca se poderá confundir com uma apologia da agressividade, nem com os objectos fotográficos da televisão que todos os dias nos agridem ou nos empurram para essa mesma agressividade. Trata-se duma conceptualização muitíssimo diferente.

Nisso residirá uma diferença essencial entre a Arte e a perversidade, para além da já referida diferença entre a Arte e a Ciência.

A ARTE NA MEDICINA ORIGINÁRIA

- Será útil repetir que a Medicina originária foi uma tentativa de perscrutar o outro e captá-lo nas características do seu sofrimento. Foi uma busca das suas mensagens, na motivação lúcida de o ajudar (paradoxalmente, a Medicina de futuro também o será, em nossa opinião, ao contrário de muita Medicina do presente).

Será útil repetir também que o motor essencial desse movimento foi a curiosidade sobre a doença, a tentativa de a reparar investigando a angústia do outro, a criatividade relativa ao sofrimento transmitido. O que supunha uma busca de duas realidades internas em consonância e a prática possível naquela emergência.

E será útil repetir ainda que o projectado pelo doente em nós não depende somente da cha-

mada relação médico-doente ou da capacidade técnica nela suposta. Contem partes artísticas não ensaiadas, executadas num cenário particular: num cenário que funciona na zona mais funda dos intervenientes e que constitui a essência da questão.

- A grande diferença entre a Arte e a Medicina residirá no seu produto final, embora a funcionalidade as assemelhe.

Em ambas existirá o mesmo imprevisto, a mesma inquietação, a mesma curiosidade. Existirá o mesmo ensaio criativo, a mesma busca de solução. Com uma diferença: enquanto o artista apresenta um produto observável na realidade externa, o médico apresenta um "produto" que toca intensamente ambas as realidades do doente. Produto que se repercute no espaço estético dum e doutro.

A mesma inquietação que produz a Arte produz a Medicina: algo de essencial se compensa ou se resolve por essa via, em quem a faz e em quem a recebe. Será em ambos uma íntima sobrevivência. A técnica virá depois.

A "fotografia" tecnológica, que apenas incide sobre a realidade externa, é um recém-chegado neste jogo. Ajuda a conhecer mas potencialmente impessoaliza. Massifica, deturpa: não será arte em princípio ...será maquinaria, embora secundariamente,

numa criação superestrutural também o possa vir a ser.

- Há uma estética em si mesma, em princípio não ligada a nada de físico ou de espiritual, eternamente procurada pelos seres humanos. Conservada quando estão doentes, provavelmente até de maior dimensão nessa altura, nunca ninguém expulsará a necessidade estética desta espécie a que pertencemos. Nem todas as ressonâncias magnéticas juntas, deste mundo e do futuro, o poderão fazer. Felizmente! Por isso, pela necessidade dessa dimensão estética reparadora, o melhor médico não será o que mais livros estudou, mais sofisticados aparelhos utilizou, melhores classificações obteve. Toda a gente sabe disso, embora muitas vezes se tente iludir.

Os objectos artísticos são objectos intermediários entre o próprio e o outro, são objectos transicionais na relação de todos nós com o mundo. São pontes entre a realidade interna e a realidade externa. São pontes que os seres humanos afagam e por necessidade criam, desde sempre. Nesse sentido, as pinturas rupestre são mais "humanas" do que as reproduções da realidade externa produzidas entre a Grécia antiga e o século XIX. Só na segunda metade desse século essa racionalidade oficial se alterou: quer na Arte quer na Medicina ...não sendo por aca-

so que aconteceram em tempo aproximado.

- A Cirurgia mais avançada, irrepreensível na técnica e na Ciência, enormemente eficaz em múltiplas situações, não poderá, nesse sentido, considerar-se a baliza da Medicina. Sobreretudo na mentalidade do médico. E na mentalidade da cultura. Recentemente admitida no seio da Medicina (há pouco mais de um século) a Cirurgia não pode transformar-se no seu paradigma porque não a prefigura exactamente.
- A Arte é a cúpula da actividade humana. Será o seu último patamar, sublime e inútil. É a expressão mais elevada da espécie: representa a sua mais alta possibilidade de reencontro. Metaforicamente representa a sobrevivência, na consciência plena de que não o conseguirá. Será sempre uma inerência e um honrado ensaio, para quem fica e para quem a faz. Integrar a Medicina nesse patamar é uma utopia. Mas no desejo a utopia fará parte dela: será uma necessidade, no conceito e na prática. Será uma condição de si.
- Arte e Medicina, na sua essência, contemplarão portanto o mesmo objectivo, embora a capacidade executiva as separe. Ambas lutam pela sobrevivência do ser humano: a Medicina

através do prolongamento da realidade externa, a Arte através do prolongamento da realidade interna.

O artista projecta a sua realidade interna, mediatizando-a pelo tempo fora, através do objecto artístico. O médico projecta mas recebe de imediato, na mesma altura, o efeito do projectado, vindo do doente. Será esta outra diferença fundamental.

Ambas se espraíam alegremente na pradaria, mas ambas se recolhem constrangidas nos espinhos encontrados. O interior do Castelo (a espessura da armadura) sempre clama...os muros que as protegem também se fecham.

Estará na mão de cada um encontrar a chave e a justa medida.

CONCLUINDO

Na sua essência, a Arte é uma ideia que nunca deixará de o ser, mesmo depois de concretizada.

Na sua essência, a Medicina é uma ideia que, apesar de objectivada numa pessoa e numa técnica, também nunca deixará de o ser, mesmo depois de

concretizada: quando deixar de o ser, estaremos em risco.

Na sua essência, Economia, Engenharia, Direito ...não são uma ideia: são utensílios para viver melhor. São óptimos utensílios para que o ser humano possa alcançar melhores ideias médicas e artísticas.

.

..

Em cada uma destas essências haverá a participação e o exercício possível: no médico, no artista, no doente, no sujeito, na vida, nos instrumentos ...em todos nós!

Abstract

The author travels a long way between Art and Medicine signaling the internal reality of each one which will always be personalized and an essential component in artistic creation.

He considers that a great part of Medicine is intrinsically inscribed in the emotional recording of that artistic component and cannot dispense it. He also considers that Art and Medicine are intertwined twin sisters.

Key-words: *Mental functioning; Creativity; Art; Medicine.*